

Category is: a moda como construção e expressão de identidade na série Pose

RESUMO

Este ensaio tem como proposta analisar o processo de construção de identidade a partir da análise do figurino da série norte-americana de drama musical Pose, distribuída pela canal FX, e que retrata a cultura dos bailes na cidade de Nova York na década de 1980. Além de apontar e discutir conceitos acerca da identidade transgênera, construção de identidade e moda como expressão, este ensaio busca esclarecer, através de análise das categorias dos bailes, como a sociedade LGBTQI americana, até então marginalizada, usava a moda como forma de resistência à opressão em tempos da epidemia do HIV, da ascensão da sociedade de luxo e a marginalização das minorias pelos brancos.

PALAVRAS-CHAVE: Séries. Transgêneros. Moda. Identidade.

Leonardo Bertoldo Werner Wollinger

oi@leobertoldo.com.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Marcelo Fernando de Lima

marcelolima@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Pose é uma série norte-americana de drama musical, transmitida pelo canal FX e que retrata o fim da década de 1980 da cidade de Nova York. Criada por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals, foi ao ar em junho de 2018 e conta com uma temporada de 8 episódios com duração média de 61 minutos, tendo sido recentemente renovada para a segunda temporada, a estrear em 2019.

Do mesmo criador de outros sucessos televisivos como Nip/Tuck, Glee e American Horror Story, Pose surge como um flashback em um momento em que o investimento artístico em culturas marginalizadas é grande, como visto através do reality show RuPaul's Drag Race, em termos internacionais, e a ascensão de drag queens como Pablllo Vittar, Gloria Groove e Aretuza Lovi no cenário musical pop da atualidade no Brasil.

Com roteiro assinado por Janet Mock, ativista trans aclamada pela série Transparent, Pose se manteve o mais fiel possível à época através da consultoria de Hector Xtravaganza, Skylar King e Sol Williams, personagens importantes da cultura drag dos anos 80 nos Estados Unidos.

Ao promover o resgate de um tempo não muito distante, a série se estabelece como um produto de nicho, que apesar de ser feita para conversar com qualquer tipo de público, dialoga melhor com a comunidade LGBTQ, uma vez que traz elementos que remetem à forma com que esse público consome cultura, música e como constrói sua identidade nos dias atuais. Sendo os assuntos de gênero e sexualidade temas recorrentes nas obras de Murphy, este diretor transformou as temáticas voltadas para a minoria em negócio, abrindo um mercado para mulheres, negros e transgêneros, como nunca antes feito na história da televisão.

Com o post de série com o maior elenco gay e trans da história, Pose analisa a justaposição de vários segmentos da vida e da sociedade em Nova York, da ascensão do universo da era Trump de luxo à cena social centrada no universo dos "bailes". Os bailes eram competições feitas em discotecas, organizadas em sua maioria por drag queens. Nessas competições, os candidatos se apresentam para os jurados enquanto caminham pelo salão desfilando figurinos que precisam estar relacionados à categoria escolhida da noite, que poderia ser voltada a se parecer tanto com um executivo de Manhattan como com a família real da Inglaterra.



Fig. 1. A personagem Angel desfila na categoria “realiza”

Protagonizado por integrantes de “casas”, os figurinos melhor avaliados rendiam troféus aos seus participantes, que levavam seus trunfos diretamente às suas “mães” – líderes da casa, que forneciam o sobrenome a seus integrantes – e que poderia ser uma drag queen, uma transexual, travesti ou simplesmente uma excelente dançarina, que provia não somente um teto, mas proteção e educação para seus escolhidos em um tempo em que a grande maioria dos LGBTQ eram marginalizados pela sociedade e por seus próprios pais. Tendo as “casas” como sua família e os bailes como forma de resistência em tempos do auge da epidemia do HIV, a série exige do público empatia para conviver com personagens que soam reais, dramas atuais e histórias inspiradoras de pessoas que expressam suas mazelas e seus anseios através de roupas extravagantes e competições de dança cheias de vida e energia.

O principal núcleo onde se desenrolam as tramas da série Pose tem como palco a “House of Abundance”, casa reconhecida e premiada pela comunidade como um dos principais nomes nos bailes promovidos em Nova York. Liderada pela personagem transgênera Elektra Abundance, moram e são “filhos” de Elektra os personagens Blanca, Angel, Lulu, Candy, Cubby e Lemar. Já no primeiro episódio (S01E01-Pilot), Blanca se mostra insatisfeita com o autoritarismo e o egoísmo de Elektra, que por ser uma pessoa mais velha e glamurosa, não demonstra abertura para novas ideias e propostas dos habitantes da casa. Ao mostrar-se chateada por não se sentir representada pela casa e ter uma ideia roubada por Elektra, Blanca decide abandonar a House of Abundance para criar sua própria casa, a House of Evangelista, que mais tarde viria a disputar com a casa de Elektra em diversas categorias nos bailes.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Quando se pensa no papel social da moda se faz necessário olhar de forma global para o que ela representa, sob uma ótica que transpassa o consumo e a publicidade. Sendo a moda um fenômeno social e histórico que deve ser abordada em toda sua complexidade, contemplando diferentes áreas do saber, Tostes e Sanches (2016), afirmam que sob a abordagem da psicologia sócio-histórica, a moda é vista como um processo fluido que se dá de dentro e fora do indivíduo. Nas relações que envolvem o universo da moda, o indivíduo se mostra como parte ativa do processo, que contribui para sua constante transformação e também é influenciado por ele. Assim, a moda se mostra como um processo que se consuma no indivíduo, modifica-se para se adequar às pessoas e as pessoas modificam-se para adequar-se à moda, em busca de expressar sua própria identidade.

Por se tratar da série com o maior núcleo de atores e atrizes transgêneros da história da televisão, Pose tem em seu figurino uma forma de comunicação com o espectador a fim de transmitir uma série de informações sobre os personagens: status, classe social, idade, personalidade e gênero. Essas especificidades quando analisadas através da ótica das roupas, tanto as usadas pelos personagens no dia a dia quanto nas categorias dos bailes em que estes participam, possibilita identificar a indumentária como processo fundamental na formação da identidade dos personagens transgêneros da série.

Para Simili e Vasques (2014), a roupa não é apenas a roupa, o vestir, mas também o símbolo, um elemento que auxilia na construção de relações sociais, normas e condutas, e que está sujeito a códigos específicos referentes ao período e ao grupo social, bem como a sua forma de utilização. Ao conversar com o público LGBT, dotado de repertório e referências que dialogam com a série, Pose se conecta com o espectador de forma com que este se identifique com as batalhas travadas pelas personagens, pelo universo de consumo e as questões ligadas ao valor da família e dos amigos para que as pessoas se sintam confortáveis sendo o que são.

Uma vez que os desfiles são feitos em silêncio, apenas com o narrador do concurso falando sobre a roupa como personagem, assim como um modelo, desfila pela passarela, o figurino como linguagem se mostra eficaz porque, de acordo com Iglecio e Italiano (2012), caracteriza-se como uma forma de comunicação não-verbal composta por elementos que funcionam como uma espécie de vocabulário, que é transmitido e decodificado de maneira imediata antes mesmo que a pessoa fale ou faça qualquer coisa, o que possibilita ao figurinista, roteirista ou diretor, fazer a personagem se expressar sem ser necessário que ela tenha falas no script.

Mas afinal o que é identidade? De acordo com Lemos (2011), a identidade é a essência de uma pessoa, a formação do caráter do indivíduo nas suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais. Sendo um processo que depende vitalmente da relação dialógica com outros seres (TAYLOR, 1994), a pertinência de se abordar a construção de identidade das personagens se dá uma vez que a artificialidade da construção identitária dos grupos entra em colapso e se revela como algo inventado e não descoberto; como algo que demanda esforço, a identidade se constrói a partir das alternativas que se apresentam ao indivíduo (BAUMAN, 2005).

Em sua obra, Hall (2004) distingue três concepções diferentes de identidade, cada qual equivalente a um período da história, sendo o reflexo de um momento social e da forma de pensar específica de sua época. Eram elas: (1) o sujeito do Iluminismo, baseado na ideia do ser humano autônomo, único, centrado e coerente. De acordo com ela, todo ser humano é dotado de razão e age racionalmente, o que centraliza a noção do eu para a formação da identidade de uma pessoa; (2) o sujeito sociológico, que descobre não ser autônomo como se imaginava, e cria sua identidade através da troca de valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura, com outros indivíduos, o que faz com o eu real seja formado e constantemente modificado num diálogo contínuo entre mundo e a cultura; e (3) o sujeito pós-moderno, que de acordo com o autor não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Esse sujeito se mostra uma celebração móvel, que se transforma continuamente em relação às formas e os sistemas culturais que o rodeiam. Assume-se um indivíduo que se hibridiza com a cultura de diversos lugares do mundo e assume diversas identidades em contextos diferentes.

Hall (2004) afirma que quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, imagens da mídia e sistema de comunicação, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicas para flutuar livremente.

Ainda de acordo com Hall (2004), há cinco descentrações importantes que acontecem e influenciam diretamente no processo de formação da identidade dos indivíduos. A primeira descentração baseia-se no pensamento marxista de que os seres humanos fazem a história sob as condições que lhe são dadas, o que faz com que o sujeito seja aquilo que cabe ele a ser, com base na cultura que lhe foi transmitida por seus antepassados, o que exclui a noção de agência individual. Retondar (2007) corrobora com essa ideia ao afirmar que a massificação da cultura é um elemento de homogeneização social, o que demonstra que os indivíduos não possuem gosto próprio, nem autonomia para decidir aquilo de que gostam, na verdade todos somos manipulados por tendências impostas pelo mercado.

A segunda descentração se baseia na teoria freudiana que afirma que nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente. É através do amadurecimento do sistema nervoso central junto a troca de experiência que permite à pessoa selecionar aquilo com que se identifica, o que corrobora com a tese de que o indivíduo e sua identidade vão se formando e alterando segundo o convívio social.

O terceiro descentramento retrata Saussure, que argumenta que não se pode utilizar a língua para produzir significados, uma vez que, ao se expressar através das palavras, cujos significados só são conhecidos por quem o diz, mostra-se a imposição da cultura. A identidade se dá dentro daquilo que se conhece, e Hall (2004) afirma que a identidade das pessoas, assim como palavras, possuem diferentes significados, não pode ter apenas uma definição ou interpretação, porque pessoas leem outras pessoas de maneiras diferentes.

Já o quarto descentramento tem como foco Michael Foucault e a teoria do “poder disciplinar”, que se mostra preocupado com a ação regulatória de como os seres humanos devem se portar perante a sociedade. De acordo com essa ótica, as pessoas são ensinadas como devem se comportar em sociedade através de regras de conduta que já começam a ser ensinadas na escola, quando a criança aprende o que é certo ou errado.

Por último, o quinto descentramento foca no surgimento de novos movimentos sociais como o feminismo, as revoltas estudantis, movimentos juvenis, lutas pelos direitos civis e reconhecimento de minorias, o que fez com que cada grupo abraçasse e brigasse pela identidade de seus sustentadores e lutassem pelo seu reconhecimento enquanto indivíduos.

Por tratar amplamente da comunidade LGBTQ em sua trama, a série Pose revela os desejos da comunidade transgênera na busca pela identificação com o mundo que a cerca. Diferente dos descentramentos apresentados, em que o indivíduo está colocado de maneira clara na sociedade e age conforme sua imposição, a busca pela identidade transgênera se inicia muito cedo, ao renegar a identidade de gênero recebida ao nascer e se sujeitar ao processo de subjetivação dos modelos identitários de gênero que são estabelecidos pela sociedade.

De acordo com Lanz (2015), a identidade do ser humano é enquadrada em modelos identitários que a sociedade determina desde o momento em que ele é concebido e se identifica ter o órgão reprodutor masculino ou feminino. A partir dessa “simples” constatação, é imposto ao indivíduo se enquadrar de acordo com um gênero específico dentro de categorias artificialmente criadas pela sociedade em forma de estereótipos (modelos de corpo, roupa, gestos, etc.), e esses padrões são vendidos à pessoa como a forma natural de se portar perante os outros.

Em diferentes episódios, é possível identificar que a categoria do baile estava relacionada à ilusão de possuir o corpo em conformidade com o gênero com o qual a personagem se identifica. É durante as categorias “Peitos de Mulher”, que celebra as personagens transgêneros que possuem silicone, e “Curvas Acentuadas”, que premia quem tem o corpo mais voluptuoso que é introduzida. Ela trama as desventuras da personagem Candy, transgênera e que se frustra por não ter passado por nenhuma cirurgia de adequação, o que a faz perder em qualquer categoria relacionada ao corpo em que se inscrevia. Se a pressão por se identificar de acordo com o seu gênero era grande na comunidade heterossexual, essa pressão também existia na cultura dos bailes, e a vontade de vencer o concurso faz a personagem apelar pela busca clandestina de aplicação de silicone industrial em diferentes partes do corpo.



Fig 2. Candy desfila logo após a aplicação de silicone industrial

Ao desfilar seu corpo modificado, Candy choca a todos no baile por finalmente estar com curvas femininas, porém as aplicações causam uma severa reação alérgica que a faz desmaiar no meio da comemoração por estar sendo celebrada como uma mulher. Felizmente, a personagem não morre, e durante o resto da trama demonstra estar se recuperando do incidente, e a temática da busca incessante por procedimentos estéticos de qualidade duvidosa, mesmo que ambientada nos anos 1980, se mostra bastante atual, tendo estado no centro de debate dos meios de comunicação nos últimos meses.

É na análise de todos os outros descentramentos que compõem o processo de formação de identidade das pessoas que é perceptível um adestramento e vigilância do ser humano para que ele aja da maneira com que o senso comum espera que ele se porte. Dentre todas as dificuldades para se criar e estabelecer uma identidade, cabe aos transgêneros ainda não conseguir adaptar-se à roupa sociopolítica-cultural vigente numa dada sociedade, numa dada época, tornando problemático até o simples fato de se vestir, que é quando uma pessoa trans vivencia neuroticamente o conflito entre a roupa que quer e acha que deve usar e a roupa que pode vestir a fim de não transgredir normas de vestuário da categoria do gênero em que foi enquadrada ao nascer.

Em uma fala da personagem Blanca Evangelista no primeiro episódio da série, ela define os bailes nos quais as casas participam como uma celebração à vida que o resto do mundo não considera que valha a pena celebrar. Nas categorias, nos

desfiles e nas pessoas vestidas de acordo com o tema dos bailes, o que vale é romper as barreiras impostas pela sociedade ao ter a arena de disputa como um local sagrado em que é permitido expressar-se sem o medo do julgamento da sociedade que cerca essa comunidade. Ainda de acordo com a personagem, o intuito da competição é fazer com que a fantasia vivenciada pareça verídica: seja parecer heterossexual, branco, rico ou até mesmo adequado a um gênero diferente do seu, da forma com que a sociedade, de forma geral, aceitaria. Entrar no mundo da aceitação através da arte expressada pelo figurinos, ser visto como uma pessoa comum através da arte, isso que constitui a identidade das personagens que participam dos bailes em Pose.

MODA COMO EXPRESSÃO

A roupa é um elemento básico da vida social de todas as culturas até hoje conhecidas, uma vez que corpos humanos, são, antes de tudo, corpos vestidos. Para Lanz (2015), o que vestimos – ou deixamos de vestir – é resultado de inúmeros fatores e condicionantes sociopolíticos, econômicos e culturais. A escolha de uma roupa resulta da combinação entre o desejo individual de se expressar somado à absorção das regras sociais de conduta impostas pela sociedade. Vestir-se é um ato de consumo, de desejo, que permeia a vida dos indivíduos. Para Solomon (2002), o consumo se dá a partir de uma necessidade ou desejo, e as pessoas consomem produtos específicos porque estes as ajudam a reafirmar “quem elas são”, ou muitas vezes também, “quem elas desejam ser”.

Sendo uma ponte entre o nosso eu interno com o nosso eu social, a escolha de uma roupa traz consigo inúmeros significados (psicológicos, sociais e culturais), de forma que a moda se mostra como peça fundamental para a construção e compreensão da personalidade das pessoas, com influência relacionada às noções de pertencimento, diferenciação e identidade dos indivíduos.

O ato de consumir é o que dita a existência do ser humano enquanto sociedade. Sobre isso, Bauman (1999, p. 87-8) afirma que:

Nossa sociedade é uma sociedade de consumo. Quando falamos de uma sociedade de consumo, temos em mente algo a mais do que a observação trivial de que todos os seres humanos [...] “consumem” desde tempos imemoriais. O que temos em mente é que a nossa é uma sociedade de consumo no sentido, similarmente profundo e fundamental, de que a sociedade de nossos predecessores, a sociedade moderna nas suas camadas fundadoras, na sua fase industrial, era uma sociedade produtores. A maneira como como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo, pelo dever de desempenhar o papel de consumidor.

Para Lipovetsky (1989), a moda é caracterizada por dois aspectos, a imitação e a distinção, integrando o indivíduo a grupos, aos quais, pode imitar ou se distinguir. Esses dois aspectos são observados na série uma vez que as personagens, enquanto participam dos bailes, buscam se identificar com a vida da sociedade branca, heterossexual e de classe média estadunidense, mas ao sair do espaço de disputa são vistas pela sociedade como diferentes, se distinguindo da maioria da população.

Esse desejo de pertencimento por parte das minorias retratadas na série se dá pelo consumo de publicidade pelos personagens, e sobre esta Lipovetsky (1989) afirma ser o cosmético da comunicação, uma vez que soube adaptar-se depressa às transformações culturais e conseguiu construir uma comunicação afinada com os gostos de autonomia, personalidade e qualidade de vida almejadas pelas personagens. A publicidade amplia e vende a sensação do bem-estar que nos causa desconforto e a busca incessante por um estilo de vida romantizado nas propagandas.

Ainda para Lipovetsky (1989), enquanto há o acesso por parte das mulheres a trajas tipicamente masculinos e os homens reconquistam o direito a uma certa fantasia, novas formas de diferenciação reconstituem uma clivagem estrutural das aparências. Apesar do mercado afirmar sobre uma cada vez mais latente homogeneização da moda dos sexos, esta se mostra superficial quando pequenos elementos, dos mais irrelevantes, acabam por diferenciar homens de mulheres. Por exemplo, ao comprar uma calça de alfaiataria, mesmo que esta seja vendida como um produto sem gênero definido, os cortes e cores servem como marcadores de diferenciação entre gêneros. E isso se reflete na variedade de cores, cortes, acessórios e disponibilidade das peças no mercado.

Esses artigos de moda reinscrevem através dos detalhes a linha divisória da aparência, o que mostra que não adianta o cabelo curto, as calças, paletós e botas: mulheres continuam sexualizadas porque o que antes era específico do masculino, é reinterpretado para as especificidades do feminino, no que a diferencia biologicamente do homem. Na série Pose, isso é retratado como uma angústia por parte da personagem Blanca por não ser aceita em um bar exclusivamente gay em Manhattan por não se parecer com um homem. Em processo de transição de gênero, a personagem de traços femininos se vê em um conflito interno por não ser considerada nem homem para o público gay, nem mulher para o resto da sociedade, e as roupas femininas contribuem para a afirmação da personagem enquanto mulher.

Os códigos de vestuário e a moda são para Lanz (2015), uma forma de transformar o corpo em um objeto reconhecível de uma cultura, além de fornecer referências pelas quais os corpos se orientam para se tornar apropriados e aceitáveis dentro dos contextos específicos que devem operar.



Fig. 3. A personagem Ricky desfila na categoria “casacos de pele”

Subjugados não apenas por pertencerem à comunidade LGBTQI mas também por serem em sua maioria negros e pobres, as personagens expressam através da moda seus desejos de pertencimento, aceitação e de quebra do status-quo. É possível perceber que a moda é retratada em *Pose* com base nos editoriais das grandes revistas da época, um desafio à criatividade de personagens pobres para tentar representar, gastando o mínimo, figurinos que exaltavam beleza, luxo e alto poder aquisitivo.

Tanto nas categorias “Casacos de Pele”, “Dynasty” e “Desfile Legendário”, o desafio era não apenas fazer a roupa parecer cara, mas desfilarem de acordo como alguém que está trajando um look de milhares de dólares. Com foco no brilho, cortes de alfaiataria e nas ombreiras (moda na época), a sensação que se tem ao assistir é de que as personagens assumem outra postura ao colocarem o pé na passarela, são envoltas por uma energia que as convence de que a roupa que trajam é o que as define enquanto seres humanos, e desfilam de acordo para então agradar os jurados e conquistar os troféus da noite.

A série *Pose* traz nas suas categorias de desfiles de moda uma ruptura com o padrão aceitável da época: ao colocar gays, negros, mulheres e transgêneros com vestimentas até então adequadas e aceitas somente a parte da população (uma Nova York rica e heterossexual), ela tira o poder controlador da moda enquanto hierarquia social e a transforma em objeto de resistência como um marcador de identidade que poderia ser almejada por qualquer pessoa. Na Nova York dos anos 1980, marcar uma identidade como sua, mesmo que temporariamente, em tempos de marginalização do diferente, demonstra o poder dessa comunidade na busca pela aceitação, diversão e empoderamento de minorias.

Category is: fashion as construction and expression of identity in Pose

ABSTRACT

This essay aims to analyze the identity-building process from the analysis of the costumes of the North American drama series Pose, distributed by the FX channel, which portrays the dance culture in New York City in the 1980s. In addition to pointing out and discussing concepts about transgender identity, identity construction and fashion as an expression, this essay seeks to clarify, through analysis of the categories of dances, how LGBTQI American society, until then marginalized, used fashion as a form of resistance to oppression in times of the HIV epidemic, the rise of luxury society and the marginalization of minorities by white people.

KEYWORDS: Series. Transgender. Fashion. Identity.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IGLECIO, P.; ITALIANO, I. C. A figurinista e o processo de criação do figurino. In: 8º Colóquio de Moda, 2012, Rio de Janeiro, Em Moda Escola de Empreendedores, 2012.

LANZ, Letícia. O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015. 446 p.

LEMOS, G. M. C. O consumo de moda e a formação da identidade: considerações sobre os corinthianos, 2011. 98f. Trabalho de Conclusão de Curso Tecnologia em Design de Moda - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

POSE. Prod. Janet Mock, Our Lady J, LOur Eyrich e Erica Kay. Distribuído por FX. Los Angeles, 2018. Disponível em: <www.fxnetworks.com/shows/pose> Acesso em: 07 nov. 2018

RETONDAR, A. M. Sociedade de consumo, modernidade e globalização. São Paulo: Annablume editora, 2007.

SIMILI, I. G.; VASQUES, R. S. (Org). Indumentária e moda: caminhos investigativos. Maringá: Eduem, 2013

SOLOMON, M. R. O Comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

TAYLOR, C. As fontes do self: a construção da identidade moderna. 4a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TOSTES, F; SANCHES, M. C. O consumo de moda e a construção de identidade do adolescente. Projética, Londrina, v.7, n.1, p. 87-109, Jan/Jun. 2016. Disponível em:<www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/download/23456/20624>. Acesso em 15 nov. 2018.

Recebido: 06 dez. 2018.

Aprovado: 11 jan. 2019.

DOI: 10.3895/rde.v9n15.9137

Como citar:

WOLLINGER, L.B.W.; LIMA, M.F. Category is: a moda como construção e expressão de identidade na série Pose. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 9, n. 15, p. 98-109, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

